

PAULO
COELHO
O VENCEDOR ESTÁ SÓ

PAULO
COELHO
O VENCEDOR ESTÁ SÓ

A

AGIR

*Seja você quem for
agora segurando minha mão,
sem uma coisa há de ser tudo inútil
— é um leal aviso o que lhe dou
antes que continue a me tentar:
não sou aquele que você imagina,
mas muito diferente.*

*Quem é que gostaria
de vir a ser um seguidor meu?
Quem é que gostaria de lançar
sua candidatura ao meu afeto?*

*O caminho é suspeito,
o resultado é incerto, destrutivo talvez;
teriam que abrir mão de tudo mais
tendo eu a pretensão
de ser seu padrão único e exclusivo;
sua iniciação haveria de ser ainda assim
extensa e fatigante,
toda a teoria da sua vida passada
e toda conformidade com as vidas em redor
precisariam ser abandonadas;
por isso deixe-me agora
antes de perturbar-se ainda mais,
deixe cair sua mão do meu ombro,
coloque-me de lado e siga seu caminho.*

Walt Whitman (Leaves of Grass)

O RETRATO

No momento em que termino de escrever estas páginas, existem vários ditadores no poder. Um país do Oriente Médio foi invadido pela única superpotência mundial. Os terroristas estão ganhando cada vez mais adeptos. Os fundamentalistas cristãos são capazes de eleger presidentes. A busca espiritual é manipulada por várias seitas que alegam deter o “conhecimento absoluto”. Cidades inteiras são riscadas do mapa pela fúria da natureza. O poder do mundo inteiro está concentrado nas mãos de seis mil pessoas, segundo pesquisa de um reputado intelectual americano.

Existem milhares de prisioneiros de consciência em todos os continentes. A tortura volta a ser tolerada como um método de interrogatório. Os países ricos fecham suas fronteiras. Os países pobres assistem a um êxodo sem precedentes de seus habitantes em busca do Eldorado. Os genocídios continuam em pelo menos dois países africanos. O sistema econômico dá mostras de exaustão, e grandes fortunas começam a ruir. O trabalho escravo infantil tornou-se uma constante. Centenas de milhões de pessoas vivem abaixo da linha da pobreza absoluta. A proliferação nuclear é aceita como irreversível. Surgem novas doenças. Antigas doenças ainda não foram controladas.

Mas é este o retrato do mundo em que vivo?

Claro que não. Quando resolvi fotografar minha época, escrevi este livro.

PAULO COELHO

3:17 AM

A pistola Beretta Px4 compacta é um pouco maior que um telefone celular, pesando em torno de 700 gramas, e capaz de disparar 10 tiros. Pequena, leve, incapaz de deixar uma marca visível no bolso que a carrega, o pequeno calibre tem uma enorme vantagem; em vez de atravessar o corpo da vítima, a bala vai batendo nos ossos e arrebatando tudo que encontra em sua trajetória.

Evidente que as chances de sobreviver a um tiro desse calibre também são altas; existem milhares de casos em que nenhuma artéria vital é cortada, e a vítima tem tempo de reagir e desarmar seu agressor. Mas se a pessoa que atira tem alguma experiência no assunto, pode escolher entre uma morte rápida — visando a zona entre os olhos, o coração — ou algo mais lento, colocando o cano da arma em determinado ângulo junto das costelas, e apertando o gatilho. Ao ser atingida, a pessoa demora algum tempo para se dar conta de que está ferida de morte — tenta contra-atacar, fugir, pedir socorro. A grande vantagem é essa: tem tempo suficiente para ver quem a está matando, enquanto vai perdendo a força aos poucos, até cair por terra, sem muito sangramento externo, sem entender direito por que aquilo está acontecendo.

Está longe de ser uma arma ideal para os entendidos no assunto: “É muito mais adequada para mulheres que para espões”, diz alguém do serviço secreto inglês para James Bond no primeiro filme da série, enquanto lhe confisca a antiga pistola, entregando um novo modelo. Mas isso servia apenas para os profissionais, claro, porque para o que ele pretendia não havia nada melhor.

Comprou sua Beretta no mercado negro, de modo que será impossível identificar a arma. Tem cinco balas no carregador, embora pretenda utilizar apenas uma, em cuja ponta fez um “X” usando uma lima de unha. Desta maneira, quando for disparada e atingir algo sólido, irá se partir em quatro fragmentos.

Mas usará a Beretta apenas em último caso. Tem outros métodos para apagar um mundo, destruir um universo, e com toda certeza ela vai entender o recado assim que a primeira vítima for encontrada. Saberá que fez aquilo em nome do amor, que não tem nenhum ressentimento, e que a aceitará de volta sem perguntas sobre o que aconteceu nos últimos dois anos.

Espera que seis meses de cuidadoso planejamento dêem resultado, mas só vai ter certeza disso a partir da manhã seguinte. Esse é seu plano: deixar que as Fúrias, antigas figuras da mitologia grega, desçam com suas asas negras até aquela paisagem branca e azul, cercada de diamantes, botox, carros de alta velocidade que são absolutamente inúteis porque não comportam mais de dois passageiros. Sonhos de poder, de sucesso, de fama e dinheiro — tudo isso pode ser interrompido de uma hora para outra com os pequenos artefatos que trouxe consigo.

Poderia já ter subido para o seu quarto, porque a cena que aguardava aconteceu às 11:11 PM, embora ele estivesse preparado para esperar mais tempo. O homem entrou acompanhado da bela mulher, ambos vestidos com traje a rigor, para mais uma dessas festas de gala realizadas todas as noites depois dos jantares importantes, mais concorridas do que a estréia de qualquer filme apresentado no Festival.

Igor ignorou a mulher. Usou uma das mãos para trazer até o rosto um jornal francês (a revista russa iria despertar suspeitas), de modo que ela não pudesse vê-lo. Era uma precaução desnecessária: ela jamais olhava à sua volta, como sempre fazem as que se sentem rainhas do mundo. Estão ali para brilhar, evitam prestar atenção ao que os outros estão usando — porque dependendo do número de diamantes e da exclusividade da roupa alheia isso resultará em depressão, mau-humor, sentimento de inferioridade, mesmo que a roupa e os acessórios tenham custado uma fortuna.

Seu acompanhante, bem vestido e de cabelos prateados, foi até o bar e pediu champagne, aperitivo necessário antes de uma noite que promete muitos contatos, boa música, e excelente visão da praia e dos iates ancorados no porto.

Viu que tratou a garçonete com respeito. Disse “obrigado” quando recebeu as taças. Deixou uma boa gorjeta.

Os três se conheciam. Igor sentiu uma imensa alegria, quando a adrenalina começou a misturar-se com seu sangue; no dia seguinte iria fazer com que ela soubesse de sua presença ali. Em um dado momento, iriam se encontrar.

E só Deus sabia o resultado deste encontro. Igor, um católico ortodoxo, havia feito uma promessa e um juramento em uma igreja em Moscou, diante das relíquias de Santa Madalena (que estavam na capital russa por uma semana, para que os fiéis pudessem adorá-las). Passou quase cinco horas na fila e ao chegar perto estava convencido de que tudo não passava de uma invenção dos sacerdotes. Mas não queria correr o risco de faltar com a sua palavra.

Pediu que o protegesse, que conseguisse atingir seu objetivo sem que fosse necessário muito sacrifício. E prometeu um ícone de ouro, que seria encomendado a um renomado pintor que vivia em um mosteiro de Novosibirsk, quando tudo terminasse e pudesse colocar de novo os pés em sua terra natal.

Às três horas da manhã, o bar do Hotel Martinez cheira a cigarro e suor. Embora Jimmy já tenha acabado de tocar piano (Jimmy usa um sapato de cada cor em seus pés), e a garçonete esteja extremamente cansada, as pessoas que ainda ali se encontram se recusam a ir embora. Para elas, é preciso ficar neste lobby, pelo menos por mais uma hora, pela noite inteira, até que algo aconteça!

Afinal de contas, já se passaram quatro dias desde o início do Festival de Cinema de Cannes, e ainda não aconteceu nada. Em mesas diferentes, o pensamento é o mesmo: encontrar-se com o Poder. As

mulheres bonitas aguardam um produtor que se apaixone por elas e lhes dê um papel importante no próximo filme. Ali estão alguns atores conversando entre si, rindo e fingindo que nada daquilo lhes diz respeito, mas sempre com um olho na porta.

Alguém vai chegar.

Alguém precisa chegar. Os novos diretores, cheios de idéias na cabeça, currículos com vídeos universitários, leituras exaustivas de teses sobre fotografia e roteiro, esperam um golpe de sorte; alguém que ao voltar de uma festa procure uma mesa vazia, peça um café, acenda um cigarro, sintase exausto de ir sempre aos mesmos lugares, e esteja aberto para uma aventura nova.

Quanta ingenuidade.

Se isso acontecesse, a última coisa que tal pessoa gostaria de escutar é um novo “projeto que ainda ninguém fez”; mas o desespero é capaz de enganar o desesperado. Os poderosos que entram de vez em quando dão apenas uma olhada em torno, e sobem para seus quartos. Não estão preocupados. Sabem que não precisam temer nada. A Superclasse não perdoa traições, e todos conhecem os seus limites — não chegaram aonde estão pisando a cabeça dos outros, embora isso seja o que diz a lenda. Por outro lado, se alguma coisa imprevista e importante estiver esperando para ser descoberta — seja no mundo do cinema, da música, da moda — isso virá através das pesquisas, e não dos bares de hotel.

A Superclasse está agora fazendo amor com a moça que conseguiu penetrar na festa e aceita tudo. Tirando a maquiagem, olhando as rugas, pensando que já é hora de uma nova cirurgia plástica. Procurando nas notícias online o que saiu sobre o recente anúncio que fez durante o dia. Tomando a inevitável pílula para dormir, e o chá que promete emagrecimento sem muito esforço. Preenchendo o menu com os itens desejados para o café-da-manhã no quarto, e o colocando na maçaneta da porta, junto com o papel de “Não perturbar”. A Superclasse

está fechando os olhos e pensando: “Espero que o sono venha logo, amanhã tenho um encontro marcado antes das dez horas.”

Mas no bar do Martinez, todos sabem que os poderosos estão ali. E se estão ali, têm uma chance.

Não lhes passa pela cabeça que o Poder só conversa com o Poder. Que precisam se encontrar de vez em quando, beber e comer juntos, prestigiar grandes festas, alimentar a fantasia de que o mundo do luxo e glamour é acessível a todos com coragem bastante para perseverar numa idéia. Evitar guerras quando elas não são lucrativas, e estimular a agressividade entre países ou companhias, quando sentem que isso pode trazer mais poder e mais dinheiro. Fingir que são felizes, embora agora sejam reféns de seu próprio sucesso. Continuar lutando para aumentar sua riqueza e influência, mesmo que ela já seja enorme; porque a vaidade da Superclasse é concorrer com ela mesma, e ver quem está no topo do topo.

No mundo ideal, o Poder conversaria com atores, diretores, estilistas e escritores, que neste momento estão com os olhos vermelhos de cansaço, pensando em como vão voltar para seus quartos alugados em cidades afastadas, para amanhã começarem de novo a maratona de pedidos, de possibilidades de encontros, de disponibilidade.

No mundo real, o Poder está a esta hora trancado em seus quartos checando seu correio eletrônico, reclamando que as festas sempre se parecem, que a jóia da amiga era maior que a sua, que o iate que o concorrente comprou tem uma decoração única, e como é possível?

Igor não tem com quem conversar, e tampouco isso lhe interessa. O vencedor está só.

Igor, o bem-sucedido dono e presidente de uma companhia telefônica na Rússia. Reservou com antecedência de um ano a melhor suíte no Martinez (que obriga todos a pagar por pelo menos doze dias de hospedagem, independente de quanto tempo vão permane-

cer), chegou nesta tarde em jato privado, tomou um banho, e desceu na esperança de ver uma única e simples cena.

Durante algum tempo foi incomodado por atrizes, atores, diretores, mas tinha uma ótima resposta para todos:

— *Don't speak English, sorry. Polish.*

Ou:

— *Don't speak French, sorry. Mexican.*

Alguém tentou ensaiar algumas palavras em espanhol, mas Igor apelou para um segundo recurso. Anotar números em um caderno, para não parecer nem jornalista (que interessa a todos), nem um homem ligado à indústria de filmes. Ao seu lado, uma revista de economia em russo (afinal de contas, a maioria não sabia distinguir russo de polonês ou espanhol) com a foto de um desinteressante executivo na capa.

Os freqüentadores do bar acham que entendem bem o gênero humano, deixam Igor em paz, pensando que deve ser um desses milionários que vão a Cannes apenas para ver se encontram uma namorada. Depois da quinta pessoa a sentar em sua mesa e pedir uma água mineral alegando que “não existe outra cadeira vazia”, o boato corre, todos ali já sabem que o homem solitário não pertence à indústria do cinema ou da moda, e ele é deixado de lado como “perfume”.

“Perfume” é a gíria que as atrizes (ou “starletes”, como são chamadas durante o Festival) usam: é fácil trocar de marca, e muitas vezes podem ser verdadeiros tesouros. Os “perfumes” serão abordados nos dois últimos dias do festival, se não conseguirem encontrar absolutamente nada de interessante na indústria do filme. Portanto, aquele homem estranho, com aparência de rico, pode esperar. Todas elas sabem que é melhor sair dali com um namorado (que pode ser convertido em produtor de cinema) do que ir para o próximo evento, repetindo sempre o mesmo ritual — beber, sorrir (sobretudo sorrir), fingir que não está olhando ninguém, enquanto o coração bate acelerado, os minutos no relógio vão passando rápido, as noites

de gala ainda não acabaram, elas não foram convidadas, mas eles foram.

Já sabem o que os “perfumes” vão dizer, porque é sempre a mesma coisa, mas fingem acreditar:

- a) “Eu posso mudar sua vida.”
- b) “Várias mulheres gostariam de estar no seu lugar.”
- c) “No momento você ainda é jovem, mas pense daqui a alguns anos. É hora de fazer um investimento mais a longo prazo.”
- d) “Sou casado, mas minha esposa...” (aqui a frase pode ter diferentes finais: “está doente”, “prometeu suicidar-se se eu a deixar”, etc.)
- e) “Você é uma princesa e merece ser tratada como tal. Sem que eu mesmo soubesse, eu a esperava. Não acredito em coincidências, e acho que devemos dar uma oportunidade a esta relação.”

A conversa não varia. O que varia é conseguir o máximo de presentes possíveis (de preferência jóias, que podem ser vendidas), ser convidada para algumas festas em alguns iates, pegar o maior número de cartões de visita, escutar de novo a mesma conversa, achar um jeito de ser convidada para as corridas de Fórmula 1, nas quais o mesmo tipo de gente aparece, e nas quais talvez a grande chance estará esperando.

“Perfume” também é como os jovens atores se referem às velhas milionárias, com plástica e botox, mais inteligentes que os homens. Elas jamais perdem tempo: chegam também nos últimos dias, sabendo que todo o poder de sedução está no dinheiro.

Os “perfumes” masculinos se enganam: acham que as longas pernas e os rostos juvenis se deixaram seduzir, e agora podem ser manipuladas à vontade. Os “perfumes” femininos confiam no poder de seus brilhantes, e apenas nisso.

Igor não conhece nenhum desses detalhes: é sua primeira vez ali. E acaba de confirmar, para sua surpresa, que ninguém parece muito

interessado em filmes — exceto as pessoas daquele bar. Folheou algumas revistas, abriu o envelope onde sua companhia havia colocado os convites para as festas mais importantes, e absolutamente nenhum deles mencionava uma estréia. Antes de desembarcar na França, procurou saber quais os filmes que concorriam — teve imensa dificuldade em conseguir esta informação. Até que um amigo comentou:

— Esqueça os filmes. Cannes é um festival de moda.

Moda. O que as pessoas estão pensando? Achem que moda é aquilo que muda com a estação do ano? Vieram de todos os cantos do mundo para mostrar seus vestidos, suas jóias, sua coleção de sapatos? Não sabem o que isso significa. “Moda” é apenas uma maneira de dizer: eu pertenço ao seu mundo. Uso o mesmo uniforme do seu exército, não atire nesta direção.

Desde que grupos de homens e mulheres começaram a conviver nas cavernas, a moda é a única maneira de dizer algo que todos entendam, mesmo sem se conhecerem: nos vestimos da mesma maneira, sou da sua tribo, nos unimos contra os mais fracos e assim sobrevivemos.

Mas ali está gente que acredita que “moda” é tudo. A cada seis meses gastam uma fortuna para mudar um pequeno detalhe e continuar na exclusiva tribo dos ricos. Se fizessem agora uma visita ao Silicon Valley, onde bilionários das indústrias de informática usam relógios de plástico e calças surradas, entenderiam que o mundo já não é o mesmo, todos parecem ter o mesmo nível social, ninguém está dando a menor atenção para o tamanho do diamante, a marca da gravata, o modelo da pasta de couro. Por sinal, gravatas e pastas de couro são inexistentes naquela região do mundo, mas ali perto está Hollywood, uma máquina relativamente mais poderosa — embora decadente — que ainda consegue fazer com que os ingênuos acreditem nos vestidos de alta-costura, nos colares de esmeralda, nas limusines gigantescas. E como é isso que ainda aparece nas revistas, quem tem interesse em destruir uma indústria de bilhões de dólares

de anúncios, vendas de objetos inúteis, troca de tendências desnecessárias, criação de cremes repetitivos mas com rótulos diferentes?

Ridículos. Igor não consegue esconder seu ódio por aqueles cujas decisões afetam a vida de milhões de homens e mulheres trabalhadores, honestos, que levam seu cotidiano com dignidade porque têm saúde, um lugar para morar, e o amor de sua família.

Perversos. Quando tudo parece estar em ordem, quando as famílias se reúnem em torno da mesa para jantar, o fantasma da Superclasse aparece, vendendo sonhos impossíveis: luxo, beleza, poder. E a família se desagrega.

O pai passa horas em claro em trabalho extra para poder comprar o novo modelo de tênis para o filho, ou ele será olhado na escola como um marginal. A esposa chora em silêncio porque suas amigas vestem roupas de marca, e ela não tem dinheiro. Os adolescentes, em vez de conhecerem os verdadeiros valores da fé e da esperança, sonham em virar artistas. As moças do interior perdem a identidade própria, começam a considerar a possibilidade de ir para a cidade grande e aceitar qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa, desde que possam ter determinada jóia. Um mundo que devia caminhar em direção à justiça passa a girar em torno da matéria, que em seis meses já não serve para nada, precisa ser renovada, e só assim o circo pode continuar mantendo no topo do mundo aquelas criaturas desprezíveis que agora se encontram em Cannes.

Claro, Igor não se deixa influenciar por este poder destruidor. Continua com um dos mais invejáveis trabalhos do mundo. Continua ganhando muito mais dinheiro por dia do que poderia gastar em um ano, mesmo que resolvesse se permitir todos os prazeres possíveis — legais ou ilegais. Não tem dificuldades em seduzir uma mulher, mesmo antes que ela saiba se é ou não um homem rico — já testou muitas vezes, e sempre deu resultado. Acaba de fazer 40 anos, está em plena forma, fez o check-up anual e não descobriu nenhum problema de saúde. Não tem dívidas. Não precisa vestir determinada

marca de roupa, freqüentar tal restaurante, passar as férias na praia aonde “todo mundo irá”, comprar um modelo de relógio só porque tal esportista bem-sucedido recomendou. Pode assinar importantes contratos com uma caneta de alguns centavos, usar casacos confortáveis e elegantes, feitos à mão em uma pequena loja ao lado do seu escritório, sem nenhuma etiqueta visível. Pode fazer o que deseja, sem precisar provar a ninguém que é rico, tem um trabalho interessante, e é entusiasmado pelo que faz.

Talvez aí esteja o problema: sempre entusiasmado pelo que faz. Está convencido de que esta é a razão pela qual a mulher que horas atrás entrou no bar não esteja sentada à sua mesa.

Tenta continuar pensando, passando o tempo. Pede a Kristelle mais uma dose de bebida — sabe o nome da garçonete porque há uma hora, quando o movimento era menor (as pessoas estavam nos jantares), pediu um copo de uísque, e ela comentou que ele parecia triste, que devia comer alguma coisa e levantar seu ânimo. Ele agradeceu a preocupação, e ficou contente que alguém realmente se incomodasse com seu estado de espírito.

Talvez ele seja o único que sabe como se chama a pessoa que o está servindo; o resto quer saber o nome — e se possível, o cargo — das pessoas que estão sentadas às mesas e nas poltronas.

Tenta continuar pensando, mas já passa das três horas da manhã, a bela mulher e o homem educado — por sinal, muito parecido fisicamente com ele — não apareceram de novo. Talvez tenham ido diretamente para o quarto e agora estão fazendo amor, talvez ainda estejam bebendo champagne em um dos iates que começam suas festas quando todas as outras já estavam chegando ao final. Talvez estejam deitados, lendo revistas, sem olhar um para o outro.

Isso não tem importância. Igor está sozinho, cansado, precisa dormir.